

ANAMORFOSE E O SUJEITO IMIGRANTE: USOS DO CONCEITO NA COMPREENSÃO DAS (DE)FORMAÇÕES IDENTITÁRIAS

Diane Portugueis¹

Carolina Mirabeli Sanches Leite Cardoso²

Resumo: As ideias a serem desenvolvidas baseiam-se no estudo de Juracy Armando Mariano de Almeida (2005) intitulado: “Sobre a anamorfose: identidade e emancipação na velhice”. Propõe-se relacionar suas proposições com a constituição das identidades de imigrantes, tomando-se a imigração como problemática que decorre no trânsito entre sociedades e que suscita transformações sucessivas, tanto naqueles envolvidos diretamente com o movimento migratório, como também para o entorno social. Almeida propõe uma exploração teórica do uso da noção de anamorfose nos estudos de identidade humana. Realiza para tanto, analogias do modo como esta noção é usada nas artes. A anamorfose é trabalhada pelo autor como *lente para o estudo dos fenômenos de dominação e exclusão social que recaem sobre as chamadas minorias sociais- afetando os modos como suas identidades são construídas*. (ALMEIDA, 2005, s/p). A anamorfose propõe uma nova proporcionalidade de visão da vida, como uma reiteração de formas de acordo com o olhar do espectador e também do lugar de onde se olha. Supõe um novo olhar da mesma forma que, também, uma deformação deste. Modos de olhar são culturais. Para olhar o mundo, o sujeito deve posicionar-se corretamente (lê-se de *acordo* com regras e normas sociais) e o papel da anamorfose aqui “está ligado ao modo peculiar de sentir e se relacionar com o mundo, de olhar e de saber.” (FLORES, 2007, p. 134). Nesta perspectiva, sugere-se que o imigrante só tenha existência na

¹ Doutoranda em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP.

² Mestranda em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP.

sociedade em função do trabalho, ou seja, é concebido ao trabalho de modo indissociado. Aqui, anamorfose clara de seus projetos e de suas identidades.

Palavras-chave: Anamorfose. Identidades. Imigração.

ANAMORPHOSIS AND THE IMMIGRANT SUBJECT: CONCEPT USES IN UNDERSTANDING IDENTITY (DE)FORMATIONS

Abstract: The ideas being developed based on the study of Juracy Armando Mariano de Almeida (2005) entitled: “On the anamorphosis: identity and emancipation in old age.” It is proposed to relate their proposals to the constitution of identities of immigrants taking up immigration as a problem that arises in transit between societies and raises successive transformations, both those directly involved with the migratory movement, but also to the social environment. Almeida proposes a theoretical exploration of the use of the concept of anamorphosis in studies of human identity. Done to both, similarities of how this concept is used in the art. The anamorphosis is crafted by the author as “lens to the study of the phenomena of domination and social exclusion passed on so-called social - affecting minorities modes as their identities are constructed.” (ALMEIDA, 2005, s/p). The anamorphic proportionality proposes a new vision of life as a reiteration of forms according to the gaze of the viewer and also the place where he looks . Assumes a new look just like a deformation of this. Ways of looking are cultural and to look at the world the subject must be positioned correctly (read the following rules and social norms) and the role of anamorphosis here “is linked to the peculiar way to feel and relate to the world, to look and Wonder.” (Flores 2007, p. 134). In this perspective, it is suggested that the immigrant only has existence in society due to work, it is designed to work as a dissociated mode. Here, clear anamorphosis of their projects and their identities.

Keywords: Anamorphosis. Identities. Immigration.

As ideias a serem desenvolvidas neste texto³ baseiam-se no estudo de Juracy Armando Mariano de Almeida (2005) intitulado: “*Sobre a anamorfose: identidade e emancipação na velhice*”. Propõe relacionar suas proposições com a constituição das identidades de imigrantes, tomando-se a imigração como problemática que decorre no trânsito entre sociedades e que suscita transformações sucessivas, tanto naqueles envolvidos diretamente com o movimento migratório, como também para o entorno. Almeida propõe uma exploração teórica do uso da noção de anamorfose nos estudos de identidade humana. Realiza para tanto, analogias do modo como esta noção é usada nas artes. A anamorfose é trabalhada pelo autor como *lente para o estudo dos fenômenos de dominação e exclusão social que recaem sobre as chamadas minorias sociais - afetando os modos como suas identidades são construídas*. (ALMEIDA, 2005, s/p.)

O autor propõe a utilização dos elementos teóricos da identidade para pensar a ação coletiva, não de indivíduos em si, em seus enfrentamentos de situações pessoais restritivas ou como parte de tendências sociais, mas sim como integrantes de categorias sociais sujeitos a processos de dominação. Aprofunda, desta forma, possíveis aproximações entre a identidade e seu entorno social, tratando como ponto nevrálgico, a discussão das relações entre processos de emancipação individual e grupal, e também possibilidades de mudanças nas relações sociais existentes, constituindo o que pode ser considerado um processo capaz de mudar formas de sociabilidade e de favorecer que seres humanos sejam reconhecidos como sujeitos.

³ Parte de nossa dissertação de mestrado: *Quem somos nós, descendentes? Da História à socialização na constituição de identidades “teuto-brasileiras”*. Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

Trata-se de considerar as possibilidades de um conjunto de práticas e valores transcender particularismos, fomentando a busca por novos critérios de existência e de convívio. (ALMEIDA, 2005, p. 3)

O foco da perspectiva em anamorfose é tomado pelo autor a exemplo desta, inicialmente, como representada pela arte (a anamorfose pode ser utilizada ainda em outras áreas do conhecimento tais como Geometria, Geologia, Matemática, Arquitetura e Geografia). A perspectiva adotada por Almeida (2005) *trata-se de uma inovação estética cujos pioneiros são Donatello (1386-1466, escultor), Brunelleschi (1377-1446, arquiteto), Masaccio (1401-1428, pintor) e Alberti (1404-1472, autor do tratado Della pintura, datado de 1435), os artistas Florentinos do Renascimento. Esta inovação foi consagrada nas pinturas de Fra Angélico, Botticelli, Leonardo da Vinci e Michelangelo.* (ALMEIDA, 2005, p.96). Tal forma de representação de objetos tratou-se de uma nova técnica, diversa daquela adotada na pintura durante a Idade Média, cuja percepção baseava-se na religiosidade do mundo. Nesta dimensão renovada, os valores são traduzidos no tamanho entre as figuras, suas posições e também no material utilizado para pintar. Logo, como colocado por Martins (*apud* ALMEIDA, 2005, p. 96) *valores e costumes, por conseguinte, apresentam-se correlatos a ordenações visuais.*

Baxandall citado por Almeida (2005, p. 98) retrata a adoção da perspectiva na pintura como tradução de um modo de pensar existente à época que, por um lado, predisporia o olhar das pessoas ao entendimento das obras de arte que se utilizassem dessa técnica e também, permitiria aos pintores explorarem esse recurso, certos de que suas produções seriam compreendidas pelos seus apreciadores, sem causar grande estranhamento. Na Renascença, era comum

a ideia de medida, a utilização da geometria e o cálculo matemático de proporções, elementos usados no comércio local e nos projetos arquitetônicos da cidade: estes elementos favoreceriam certo “estilo cognitivo” propício à difusão e ao entendimento do novo padrão pictórico. (ALMEIDA, p. 98, aspas do autor)

Silva Júnior (2001) *apud* Almeida (2005, p.31) propõe uma explanação do que ocorre com a figura em anamorfose:

A anamorfose é uma figura em perspectiva deformada que, para ser reconhecida, exige do observador um deslocamento, um abandono de sua posição convencional, e uma busca de um novo ponto de vista. Este ponto é sempre extremamente preciso, mas desconhecido, e sua descoberta revela, na figura ali incompreensível, formas finalmente reconhecíveis.

De acordo com Almeida, o uso da anamorfose como perspectiva corresponde a uma nova organização da experiência visual correspondente na arte a um sentido admitido como uma potência do ser, possibilitando aos sujeitos desenvolverem formas de auto-consciência. A perspectiva é o *fruto de uma combinação entre arte e ciência, que tem na observação e descrição do referente exterior seu modo peculiar de afirmar um universo laico e empírico, não mais sujeito às constrictões da religião* (FABRIS, 1998, *apud* ALMEIDA, 2005, p. 99). A anamorfose propõe uma nova proporcionalidade de visão da vida, como uma reiteração de formas de acordo com o olhar do expectador e também do lugar de ele onde olha. Supõe um novo olhar da mesma forma que também, uma deformação deste.

(...) o modo como identidades são pensadas e tratadas socialmente, ou seja, como deformações dos modelos estabelecidos e hegemônicos nas relações interpessoais, surgindo aos olhos das pessoas comuns como distorções dos modos de ser considerados corretos e desejáveis; em outras

palavras, a anamorfose corresponde ao significado atribuído a identidades pessoais e grupais que ultrapassam os limites consensuais. Por extensão, a noção também se refere ao modo como as pessoas podem se sentir quando vistas e avaliadas pelos outros sob o prisma dos modelos identitários dominantes. (ALMEIDA, 2009, p.3)

Berger (1999) *apud* Flores (2007) salienta que a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. (...) Nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos.

Flores (2007) coloca a significação da representação do mundo e das coisas do mundo como implicada com a forma de se olhar, de se perceber e, portanto, conceber o mundo. A forma como estas representações se dão é histórica e dependem ao mesmo tempo em que são parte da cultura. O espaço é o que um grupo humano toma como possível e em sua possibilidade interpretada, o representa. Modos de olhar são culturais e interagem com as formas de representação.

(...) a formatação de um modo de olhar que busca a harmonia, a ordem, o acordo, a similaridade, a identidade e a significação intrínseca às coisas. Além disso, a convicção de que há sempre uma dualidade no mundo: o real e o aparente. E de que o aparente, que se dá na representação, é tão semelhante ao real que chega a valer por ele. Ele é tão verdadeiro como o que está por detrás da representação. Desse modo, consideramos que por trás de um burguês há uma classe burguesa, uma forma de ser burguês; por detrás de uma mulher há sempre uma natureza materna (...) há uma estrutura básica do pensamento que se construiu e que se consolidou de tal forma que já não mais questionamos esses pressupostos. (FLORES, 2007, p.126)

Segundo Flores, existe uma relação dicotômica entre saber e o olhar em relação ao mundo externo e ao sujeito. É mister que o modo de olhar e representar é trabalhado, construído e fabricado so-

cialmente e resulta, por sua vez, em novas ordens de representação. Ordens estas que são ditadas por um *a priori relação de identidade, que se dá a partir de um modo perspectivado de olhar*. (FLORES, 2007, p. 129)

Para olhar o mundo, o sujeito deve posicionar-se corretamente (lê-se de acordo com regras e normas sociais) e o papel da anamorfose aqui *está ligado ao modo peculiar de sentir e se relacionar com o mundo, de olhar e de saber*. (FLORES, 2007, p. 134)

Em sendo a migração processo, foco nesta discussão, propõe-se pensá-la a partir da concepção de Sayad (1998). O autor conceitua imigração como um deslocamento de populações por todas as formas de espaços socialmente qualificados (por exemplo, o espaço econômico, político - espaço de nacionalidade e o espaço geopolítico, espaço cultural, o espaço lingüístico, espaço religioso etc.).

Não existe um discurso sobre o imigrante que não seja um discurso imposto; mais do que isto até mesmo a imigração enquanto problemática da ciência social é uma problemática imposta. E uma das formas dessa imposição é perceber o imigrante, defini-lo, pensá-lo ou, mais simplesmente, sempre falar dele como um problema social (...). (SAYAD, 1998. p. 56)

O imigrante é reconhecido, muitas vezes, como alógeno, um não nacional e que em alusão a este título passa a estar excluído do campo político.

(...) o imigrante tem a obrigação de ser reservado: a forma de polidez que o estrangeiro deve adotar e que ele se sente na obrigação de adotar- constitui de uma dessas malícias sociais pelas quais são impostos imperativos políticos e consegue-se a submissão a esses imperativos. (SAYAD, 1998, p.57)

Sayad retrata um quadro que implica no modo como o grupo social espera que o indivíduo estigmatizado se apresente ou se enquadre⁴. Desta forma, o sujeito faz parte do todo social, mas sempre com ressalvas, sempre de um “modo especial”. Ciampa (2002) organiza esta relação quando discute as *identidade políticas e as políticas de identidade*. O autor levanta importante questionamento acerca de como características “embutidas” no sujeito (às quais se espera que o mesmo corresponda) permitam ser possível o desenvolvimento da autodefinição do eu, de modo autêntico. A questão que se coloca, neste contexto, seria sobre a existência de espaços para o desenvolvimento de autonomia na condição de imigrante? Se tais espaços são possíveis, quais os desdobramentos deste processo?

O estudo das políticas de identidade conforme proposto por Ciampa (2002) e também por Almeida (2005) em alusão às questões anamórficas, possibilita a discussão, sobretudo, de lutas por emancipação em diferentes grupos sociais, cujas ações revelam formas de opressão, cada vez mais veladas na sociedade totalmente administrada.

Lima (2009) em reflexão sobre as proposições de Almeida (2005) quanto à anamorfose, refere condições sociais e pessoais restritivas, sentidas e vividas pelos indivíduos como deformações de seus projetos (anamorfoses, portanto). À luz de tais formulações voltamo-nos a condição do imigrante esta, primordialmente dificultosa, visto que não se espelham as identidades pressupostas pela sociedade (imigrante como aquele que vai trabalhar e se comporta “de acordo”, obedece, assimila-se à cultura e depois vai embora, por

⁴ Sugerem-se os apontamentos de E. Goffman (1988) sobre Estigma.

exemplo) ao mesmo tempo em que passam por novas experiências pessoais e sociais em si, geradoras de crises identitárias.

Dubar (2009) ressalta a existência do dilema de naturalização proveniente do desenraizamento e da construção identitária decorrente do processo que envolve aquele que migra e assim passa a vivenciar o “multipertencimento” (p.220). O autor considera este momento como propulsor de crise e esta incitatoria, portanto, novos modos de revelação do sujeito a si mesmo, bem como, necessidades de reflexão e luta, resultando por fim em aquisição de liberdade em um processo de *inventar a si mesmo com os outros* (idem p. 255). Todavia, inventar o novo a partir do contato com o outro dependerá também da relação de significação imposta pelos olhares (representações) existentes na relação.

O imigrante não é considerado “um nacional” e isso justifica a economia de exigências que se tem para com ele em matéria de igualdade de tratamento frente à lei e na prática. Faz-se presente uma lógica de segregação e de dominação geradoras de racismo⁵ - e falta da igualdade de direitos. (...) *usando-se como pretexto as desigualdades de fato e a igualdade de fato, por sua vez, torna-se impossível devido à desigualdade de direito* (SAYAD, 1998, p. 59).

Nesta perspectiva, sugere-se que o imigrante só tenha existência na sociedade em função do trabalho, ou seja, este é concebido ao trabalho de modo indissociado. (...) *um imigrante é essencial-*

⁵ Para Boaventura de Souza Santos “o racismo esta a progredir como parte do desenvolvimento do sistema mundial capitalista. (...) o racismo resulta da divisão entre força de trabalho central e periférica, ou seja, da etnicização da força de trabalho como estratégia para remunerar um grande setor da força de trabalho abaixo dos salários capitalistas normais, sem com isto correr o risco da agitação política.” (2010, p. 145).

mente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito (...) é um trabalhador revogável a qualquer momento. (SAYAD, 1998, p. 54-55). Aqui, anamorfose clara de seus projetos, de suas existências.

Sayad acrescenta ainda que *o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território: o imigrante nasce nesse dia para a sociedade que assim o designa* (p.16). Desta forma, ressalta a ideia de que o imigrante é conceituado como tal a partir do momento que se aloca em outro território (diferente ao seu) e se insere num outro meio social, com cultura diversa. Esse fato é relevante se considerarmos, à exemplo da atual situação da imigração no Brasil, que muitos imigrantes possuem formação acadêmica e experiência profissional. Contudo, na maioria dos casos, tal formação e experiência são ignoradas na inserção profissional destes. Os trabalhos oferecidos envolvem tarefas meramente operacionais ou condizem com baixa qualificação

O imigrante recém-chegado ao país, de acordo com Sayad (1998), está inclinado a aceitar trabalhos árduos porque ainda não conhece os mecanismos culturais aos quais está inserido. Na medida em que dura a imigração e os imigrantes vão entendendo os códigos sociais e culturais, podem começar a questionar sobre suas condições sócio-econômicas e a solicitar melhores condições de vida e trabalho.

Com o crescente aumento de imigrantes latino-americanos no Brasil (haitianos, bolivianos, peruanos, colombianos entre outros) bem como africanos, as questões supracitadas são alvo de discussões pertinentes e atuais. Há um crescimento importante de notícias que

envolvem trabalhos em condições precárias aos quais estes imigrantes têm sido submetidos. Ao mesmo tempo em que o trabalho é fator fundamental para a existência no novo território e para a construção da nova identidade no local de moradia atual, o risco da submissão às condições degradantes se faz presente. Exemplo concreto pode ser nomeado nas relações de trabalho propostas por empregadores que têm conhecimento das precárias condições de vida as quais estes imigrantes estão submetidos (estes, muitas vezes, não conhecem seus direitos) explorando-os, propondo dinheiro, moradia e alimentação.

Logo, uma relação de servidão é formada. Em muitos casos ocorre a retenção de documentos. Os imigrantes, desconhecedores de seus direitos no novo país, submetem-se a exaustivas horas de trabalho em ambientes insalubres, muitas vezes, ganhando muito pouco. Em geral, moram no local de trabalho, seguindo rigidamente regras degradantes. Os imigrantes aceitam trabalhar em tais condições, porque dependem do trabalho e do que este lhes proporciona: moradia, alimentação e o salário em si, se este existir

O imigrante é impensável sem o trabalho e a dificuldade deste modo, consiste na conciliação de dois objetos em sua essência inconciliáveis: desempregado e imigrante. Há de fato um “não lugar”, uma “não existência” do indivíduo e, portanto, assumir legitimidade para estar no país de permanência só se torna possível se ligado ao trabalho. O paradoxo deste modo de *existência*, contudo, está no papel exercido socialmente pelos imigrantes enquanto sujeitos que “têm função”. Função esta, determinada não por suas características, aspirações ou aptidões pessoais, mas pela ordem sistêmica vigente; uma ordem mediada por ditames econômicos e interesses que vão muito além dos sujeitos que adentram um novo país. Logo:

Enquanto a expansão econômica, grande consumidora de imigração, precisava de uma mão de obra imigrante permanente e sempre mais numerosa, tudo concorria para assentar e fazer com que todos dividissem a ilusão coletiva que se encontra na base da imigração (...) ao reconhecer a utilidade econômica e social dos imigrantes, ou seja, as “vantagens” que eles ofereciam para a economia que os utilizava se queria agradecer-lhes ou ainda defender seus direitos. (SAYAD, 1998, p.47)

A sobrevivência do imigrante, pensando-se as colocações até aqui abordadas, dependeria, para Bhabha (2001) da descoberta de *como o novo entra no mundo* (p.311), ou seja, a questão central é a elaboração de ligações através dos elementos instáveis da vida- em encontro marcado com o intraduzível em uma reelaboração de sua condição. Nestes termos, o indivíduo passaria ao estado de permanente estrangeiro no país onde vive em contínua *provisoriedade do presente* (BHABHA, 2001, p. 297). O que neste caso começa a ter relevância política é a *necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação das diferenças culturais* (idem p. 20). Os *entre lugares* (termo cunhado por Bhabha) fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de *subjetivação singular ou coletiva que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade*⁶

(...) na sobreposição e deslocamento de domínios da diferença que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. De que modo se formam os sujeitos nos entre lugares, nos excedentes da soma das partes da diferença (...) (BHABHA, p. 20).

⁶ Faz-se alusão à ideia de sociedade composta por homens em movimento, como concebe Silvia Lane (1984, p.19) “(...) o homem é sujeito da História e transformador de sua própria vida e da sua sociedade (...)” O homem é movimento na manifestação de sua totalidade.

Bhabha defende uma ideia de *comunidades híbridas*, uma vez que culturas nacionais são construídas a partir da perspectiva de minorias destituídas (BHABHA, 2001, p.25). Há desta forma, uma revisão radical do conceito de comunidade humana proposta pelo autor, sobretudo, quando este pensa o espaço geopolítico como realidade nacional ou transnacional, que se interroga e se reinaugura com o constante trânsito humano (BHABHA, 2001, p.25). Cabe lembrar também, que Friedrich Ratzel⁷ (1844-1904), em sua concepção de Geografia, inaugura a ideia de movimento como característica central do mundo vivo, ou seja, o movimento como característica central do homem e de como este, portanto, concebe o seu mundo (CLAVAL, 2006, grifo nosso).

Desta forma, o sujeito deve ser compreendido como parte estruturante de sua cultura, nas palavras de Geertz (1989) *o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo tece, portanto, a cultura pode ser assim assumida como sendo estas teias e também a sua análise* (p. 4). Para Thompson (*apud* ESCOSTEGUY, 2004) cultura é uma rede de práticas e relações que constituem a vida cotidiana dentro da qual o papel do indivíduo configura em primeiro plano, o autor entende cultura como forma de luta entre formas de vida e olhares diferentes (grifo nosso). Já no entendimento de Castells (1999) cultura e identidades são interdependentes; o processo de construção de significados tem sua base em atributos culturais, ou um conjunto de atributos culturais. Assim, a relação

⁷ Geógrafo e etnólogo alemão, precursor da geografia política. Criou uma disciplina chamada geografia humana e reconheceu a importância do papel desempenhado pela circulação humana. Maiores informações ver CLAVAL, P. *História da Geografia*. Tradução de José Braga Costa. Lisboa: Edições 70, 2006.

homem sociedade envolve necessariamente movimento, seja como parte da cultura, levada para os diferentes espaços de trânsito, como também sua recriação nestes, como novos espaços de pertencimento. A relação cultura- movimento – migração é intrínseca ao homem.

As colocações de Almeida (2005, p. 83) iluminam as considerações acima colocadas:

Movendo-se no tecido socialmente construído, o indivíduo pode estabelecer as pontes e as mediações entre sua condição e suas possibilidades, tipificando e ao mesmo tempo, individualizando sua trajetória. As relações entre a biografia e o contexto social onde ela se desenrola, a sociedade em última instância, têm múltiplas direções; não constituem vias de mão única. A existência do projeto dificulta se não impede uma acomodação passiva do sujeito diante das circunstâncias, provocando uma atitude de reserva, e mesmo de resistência, nas suas relações com seu entorno social, isto é, com seus outros significativos e com o meio social mais geral. Evidentemente, a realização do projeto exige do indivíduo uma boa dose de criatividade a às vezes de discernimento frente a oportunidades inesperadas para delinear uma ação consequente, condizente com sua realidade. (ALMEIDA, 2005, p. 84)

Almeida (2005, p.69) acrescenta ainda a existência de um processo de *desterritorialização dos eus* devido à inadaptação e ao sentimento de desorientação dos sujeitos frente às novas tendências e exigências da modernidade, que substituem aquelas formas ou modos de ser que existiam e que eram de seu costume.

Patarra (2006, p.12) menciona a ocorrência de uma *desterritorialização da identidade social* quando da transformação pelo sujeito *do antigo focus de submissão e fidelidade em favor da sobreposição, permeabilidade e formas múltiplas de identificação.* (p.12-13). Questiona-se se o mesmo ocorre com descendentes de imigrantes, integrados no país de seu nascimento.

De acordo com a autora, na era da globalização o imigrante é visto ainda como estrangeiro ou um quase cidadão. Ainda que a globalização estimule a mobilidade frequente, o fluxo constante é daqueles que saem dos países pobres para os ricos, donde se entende que o *quase cidadão* migrante o faz “estimulado” pelas facilidades proporcionadas pela globalização, cuja real intenção, prevê o trânsito do capital e não de pessoas. A imigração é discutida por Patarra como decorrente de movimentos ditados pelas circunstâncias do país de origem, ou seja, não necessariamente há o desejo de partir e estabelecer uma nova vida. No tocante ao mundo globalizado e às formas de migração daí provindas, Appadurai (2009) realiza a análise crítica da extrema violência coletiva formada neste contexto, como algo não exclusivo aos Estados totalitários, tamanha semelhança.

O questionamento disparador de Appadurai contempla a tentativa de se compreender como, em um período conhecido por *alta globalização* no capitalismo tardio, se estabelece um período de violência em grande escala em um amplo leque de sociedades e regimes políticos; globalização esta que propõe a circulação de pessoas, mercados, bens e também culturas, traz consigo, muito aquém do *aumento de liberdade* aparente, um tipo de devastação tanto quanto mascarado. De fato, na era da globalização, a desigualdade mantém-se e nas palavras do autor (...) *só os partidários mais fundamentalistas da globalização econômica ilimitada pensam que o efeito dominó do livre comércio e o alto grau de integração de mercados e do fluxo de capitais entre nações é sempre positivo.* (p.14)

Boaventura Santos (2010) retrata em panorama atual, o que se pode relacionar às migrações no contexto da globalização e do capitalismo tardio:

A recontextualização e reparticularização das identidades e das práticas está a conduzir uma reformulação das inter-relações entre os diferentes vínculos, nomeadamente entre o vínculo nacional classista, racial, étnico e sexual. Tal reformulação é exigida pela verificação de fenómenos convergentes ocorrendo nos mais dispares lugares do sistema mundial: o novo racismo na Europa; o declínio geral da política de classe, sobretudo nos EUA, onde parece substituída pela política étnica do multiculturalismo (...) o colapso dos estados Nação, afinal, multinacionais e os conflitos étnicos no campo devastado do ex império soviético, a transnacionalização do fundamentalismo islâmico; a etnicização da força de trabalho em todo o sistema mundial como forma de a desvalorizar etc. (SANTOS, 2010, p. 145)

O conceito de imigração substitui o que por muito tempo fora considerado como conceito de “raça”. Para Balibar, citado por Santos (2010, p. 145), *o neo-racismo europeu é novo na medida em que o seu tema dominante não é a superioridade biológica, mas antes as insuperáveis diferenças culturais, a conduta racial em vez da pertença racial.* (p. 145).

Na visão de Haesbaert, pensar multiterritorialmente seria a única perspectiva para a construção de outra sociedade, mais universalmente igualitária e, ao mesmo tempo, mais multiculturalmente reconhedora das diferenças humanas. (HAESBAERT, 2005, p. 6791)

Lima (2010, p. 206) levanta a hipótese de que o potencial da anamorfose “sofre a neutralização na atualidade por conta de um reconhecimento perverso que reduziria as identidades a personagens fetichizadas (...) e desta forma, a proposta de um trabalho crítico no estudo da identidade auxilia “o sentido de explicitar aquilo que o capitalismo tardio tende a manter e reproduzir com base na dinâmica de reconhecimento das identidades. (p. 207)

No caso dos imigrantes, sua situação é instável desde a concepção do projeto de migrar até as posteriores fases de adequação/

adaptação à nova situação de vida. Além deste motivo, provavelmente, também seja a partir das políticas de identidade massificadoras que estes têm seu potencial emancipatório reprimido- as amarras sociais os impelem de seguir, deformando seus projetos. Contudo, são estas personagens anamórficas uma *espécie de deformação em relação ao que estava antes estabelecido (...) gerando uma nova proporcionalidade*. (LIMA, 2010, p.201). Devem-se encará-las de outra perspectiva, com o olhar em paralaxe.

À guisa de encerramento das ideias até aqui apontadas, apresentamos uma última proposição que, longe de concluir a questão, abre perspectivas para se pensar a anamorfose do sujeito migrante de modo crítico:

A anamorfose dá conta da constituição de identidades por parte de indivíduos que procuram superar suas condições identitárias, as quais geram identidades sem lugar na vida coletiva ou, em outros termos, uma contraditória identidade desidentificadora (ALMEIDA, 2005 apud LIMA, 2010 p. 203).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, J.A.M. *Sobre a anamorfose: identidade e emancipação na velhice*. Doutorado em Psicologia Social (tese). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

APPADURAI, A. *O medo ao Pequeno número. Ensaio sobre a geografia da raiva*. São Paulo: Iluminuras/ Itaú Cultural, 2009.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura (3 vols.). *O poder da identidade*, vol. II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CIAMPA, A.C. Políticas de identidade e identidades políticas. In: DUNKER, Christian Ingo Lenz, PASSOS, Maria Consuelo (Orgs.). *Uma psicologia que se interroga: ensaios*. São Paulo: Edicon, 2002.

CLAVAL, P. *História da Geografia*. (Trad.) José Braga Costa, Lisboa: Edições 70, 2006.

DUBAR, C. *A crise das identidades. A interpretação de uma mutação*. (Trad.) Mary Amazonas Leite de Barros, São Paulo: Edusp, 2009.

ESCOSTEGUY, A.C. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. (org.). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* 3ª. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

FLORES, C. *Olhar, saber, representar. Sobre a representação em perspectiva*. São Paulo: Musa Editora, 2007.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, E. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988 [1975].

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. *Anais do X encontro de Geografia da América Latina*, USP, São Paulo, 2005.

LANE, S. T. M, CODO, W (orgs.). *Psicologia Social o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1999 [1984].

LIMA, A.F. Da produção do não existente ao reconhecimento perverso: uma discussão sobre a persistência da racionalidade instrumental (politicamente correta) e a utopia do reconhecimento pós-convencional. *Anais XVI Encontro Nacional da ABRAPSO*, Maceió, 2009.

_____, A. F. *Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso. A identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica*. São Paulo: Educ-Fapesp, 2010.

PATARRA, N. L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos Avançados*. 20 (57), 2006.

PORTUGUEIS, D. *Quem somos nós, descendentes? Da História à socialização na constituição de identidades “teuto-brasileiras”*. Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. 13ª ed., São Paulo: Cortez, 2010.

SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998 [1991].